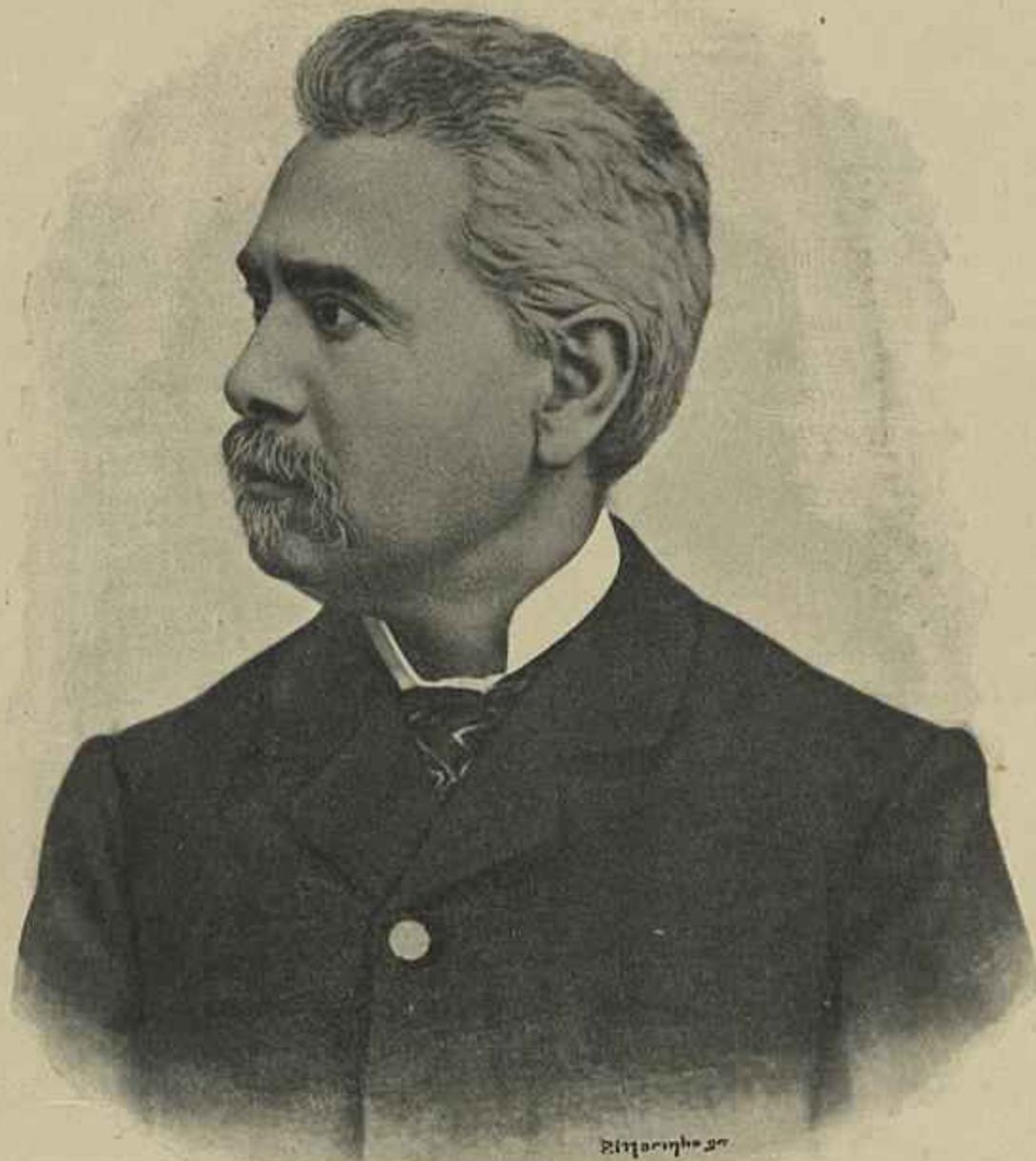


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 950	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Annuario Commercial — Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	650	\$120	20 DE MAIO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



Ribeiro 2º

DR. THEOPHILO BRAGA
Photographia do sr. Serra Ribeiro

DR. THEOPHILO BRAGA

Faz exactamente agora dez annos que o Occidente, em seu numero 591, publicou o retrato do eximio escriptor, uma das nossas maiores glorias litterarias.

Dez annos! Que é isso na vida da maior parte dos homens, se tivermos de o avaliar pelo trabalho em que se mortificaram, pondo de lado o em que andaram buscando melhores commodos egoistas? Mas para aquelles a quem o trabalho é honra e dever, quantas vezes um labutar de dez annos é riqueza preciosa dos outros!

Theophilo Braga nasceu na filha de S. Miguel, talvez de seus paes herdando as faculdades de trabalho de que tanto os portuguezes dos Açores nos dão sabido exemplo. Trazia consigo, quando chegou á Universidade de Coimbra, as melhores armas para a lucta, uma altissima intelligencia e a audacia dos que sabem medir suas forças e não temem com outros medil-as. Eram tempos em que as paixões litterarias não envergonhavam, e homens havia n'esse tempo. Theophilo Braga, com vinte e um annos, foi dos primeiros a pôr-se em campo. Teve inimigos e valentes; mas desde então não houve quem ignorasse o valor d'aquelle que a curto intervallo impuzera seu nome entre os maiores dos da sua terra, com a publicação da *Visão dos Tempos e das Tempestades sonoras*.

Foi isso ha mais de quarenta annos. Outro, com os attrictos encontrados, teria deixado desfallecer seu animo, se não o tivesse da tempera que é de raras qualidades, e que em Theophilo Braga deve medir-se pela alta craveira com que se avalia a sua intelligencia.

São estas as suas admiraveis faculdades: intelligencia e vontade, das quaes nos vêm ha quarenta annos fornecendo provas, que são thesoiro ao mesmo tempo da nossa litteratura.

Portuguez de lei, na ancía do saber que o levou ao conhecimento das estranhas litteraturas, se quanto de mais bello, de mais fino oiro encontrou o quiz doar a Portugal por cujos progressos anhelava, aqui mesmo, ao seu saber, a sua intelligencia pertinaz, se lhe deve um achado de riquezas que outro menos doado nunca nos teria mostrado tão requintadamente lapidadas. A um amor patrio, que é dever apregoar, a uma virtude pouco vulgar, que é o desejo sympathico de repartir com os outros a instrução, devemos alguns dos seus livros encantadores, cancioneiros e romancieiros, contos tradicionaes, *O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*, os seus estudos sobre o *Cancioneiro da Vaticana*, e quanto mais, todos fructos d'uma superior intelligencia obedecendo a uma energia, assombrando o regimento enorme d'estes vencidos da vida, que somos todos nós, mais ou menos.

Theophilo Braga não se mostra cansado. Trabalhou por um ideal superior ao que vulgarmente chama os homens á lucta da vida, e por isso lhe não veio o vulgar quebramento das forças com as lames desillusões. Trabalhou para os mais, e deixa-lhes fecundissimos subsidios para futuros trabalhos. No futuro pensará sempre e este se lhe ha de revelar gratissimo. Seja indício precursor do que affirmamos a consideração crescente que o dr. Theophilo Braga vai merecendo ás gerações modernas.

Sócio effectivo da Academia Real das Sciencias, professor do Curso Superior de Lettras, considerado nos mais adeantados paizes do mundo pelo seu saber, ninguem mais do que elle acolhe benevolmente quem deseje, por um fim sympathico de instrução, elucidar-se ou pedir-lhe umas horas d'um trabalho precioso sempre.

Agora, pelo centenário do *D. Quixote*, foi lido um estudo seu importantissimo na Academia Real das Sciencias, e deveu-lhe o Occidente uma prova de consideração, que muito lhe apraz mais uma vez agradecer. Quanto saia da penna de Theophilo Braga é joia preciosa. Era dever nosso pentear-nos em nossa pobreza assim gratos áquelle que nos honrou com tamanha generosidade.

hoje uma das incontestaveis e incontestadas glorias litterarias da nossa terra.

No ultimo numero tivemos o prazer honroso de offerecer aos nossos leitores um artigo do erudito professor; o academico Christovam Ayres leu na solemne sessão da Academia uma communicação que o Dr. Theophilo Braga intitulou *Quem foi o auctor do segundo D. Quixote?* E um e outro estudo mereceriam, só por si, a humilde nossa consagração.

Outras e muito maiores ha de obter decerto, nossas e dos nossos vizinhos hespanhoes, o Dr. Theophilo Braga; maior prazer teremos, que justa é sempre a recompensa offerecida ao util, superior trabalho.

Que alegria seria para nós, podermos ao elogio do trabalho consagrar sempre as poucas linhas da nossa chronica! Pudessem não ter excepção e nunca havermos de descer a commentarios de crimes e comedias que por ali se dão e se representam, ligados muita vez uns com outros, que nem sabe a gente ás vezes quando a lagrima secca e tem de começar a gargalhada.

Hoje, felizmente, o congresso da leitaria, olivicultura e industria do azeite e a linda exposição realisada na Tapada da Ajuda, ainda nos fornecem ensejo abençoado para a boa lingua, para confessarmos, n'uma alegria, que a raça dos bons trabalhadores, dos que desejam em paz os progressos da sua terra, não acabaram de todo em Portugal.

E' de esperar que optimos fructos haja a colher d'estes congressos e exposições. Tanto assim o espera a Real Associação de Agricultura Portugueza, que resolveu organizar de dois em dois annos um novo congresso sobre o mesmo ramo de industria agricola, promovendo na occasião dos nossos congressos, exposições dos productos.

Os congressistas que, favorecidos por um tempo esplendido, fizeram varias visitas a quintas modellos, entre outras ás do sr. Sommer na Barquinha e ás das sr.^{as} Condessas de Sobral e da Junqueira em Almeirim, despediram-se terça feira, n'um grande banquete realisado no Hotel Central, a que assistiram os srs. ministros do reino, da justiça, da fazenda, dos estrangeiros, das obras publicas e da guerra, e os srs. Directores da agricultura e do Instituto Agricola e representantes da Sociedade de Geographia. Muitos brindes e muitos applausos.

Uma festa de paz. D'estas é que o mundo havia de desejar, e muitas. Mas os olhos do mundo andam agora muito distraídos para outros lados, sobretudo desde a publicação dos telegrammas annunciando que as tropas allemãs occuparam Hae-Chu ao sul de Chan-Tung, arvorando ali o pavilhão germanico. Os espiritos exaltaram-se no Japão, prevendo-se á guerra actual complicações gravissimas, mas esperam-se explicações.

Os jornaes europeus publicam longos artigos sobre a futura lucta das esquadras russas reunidas contra os navios do famoso almirante Togo, a cuja extrema prudencia os imprudentes já começam a pôr alcunhas. Todos os dias se esperam novas do encontro, que talvez por uma vez decida a sorte dos combatentes no mar e na terra.

Sabe-se o que o imperador allemão pensa do perigo amarello. O proceder das tropas allemãs na Asia extrema é para inquietar os japonezes. Mais um episodio na terrivel partida que vai travada.

Sympathias pelas tropas russas parece que no imperador Guilherme tambem não são muitas, se verdade é o que o telegrapho nos diz do seu ultimo discurso, em que elle alcunhou de bebédos os soldados russos e attribuiu ao alcool seus constantes desastres.

Não ha maneira de não falarmos da guerra. É que na historia da humanidade raras houve assim cruentas, rarissimas de mais temerosas consequencias.

Não ha maneira de não falarmos em guerra, não ha maneira de não falarmos em politica, que afinal é guerra em ponto mais pequeno, com menos feridos e alguns mortos que ás vezes resuscitam, como talvez succeda ao sr. Alpoim.

E' elle quem agora está em foco para sympathias de todos os descontentes, quer da opposição, quer dos mesmos progressistas. A forma por que foi exonerado não mereceu a approvação nem sequer de alguns mais dedicados á politica e pessoa do sr. José Luciano de Castro.

Diz-se que vão ser querellados alguns dos jornaes que mais vivamente teem atacado o andamento da politica. Feito de os cançar até que as côrtes abram novamente em meados de agosto, quando talvez já seja mais brando o calor das opposições.

As paixões politicas execerbaram-se muito agora. Até os rapazes de Coimbra, emquanto vão preparando as festas para o enterro do grão, pro-

cederam ao enterro macabro d'um enorme charuto a que fizeram cortejo por uma grande parte da cidade. A cavallaria chegou a sahir do quartel e um cordão de policia quiz impedir a passagem dos estudantes gatos-pingados; mas não houve novidade maior de algum sangue misturado ao lugubre cantochão. Politica a rir.

Politica a serio: Realisou-se na terça-feira a sessão commemorativa do segundo anniversario do Centro Regenerador Liberal. Presidiu o sr. Firmino João Lopes, sendo vibrantemente applaudido o sr. Conselheiro João Franco quando subiu ao estrado da presidencia e durante o seu discurso. Falaram depois os srs. João Lucio, Mello e Sousa, Teixeira de Vasconcellos, Teixeira d'Abreu, Antonio Vianna e Martins de Carvalho. Encerrou-se a sessão, que foi concorridissima, sobre um novo discurso do sr. João Franco que, lamentando os effeitos da politica sobre as almas mais bem formadas, diz esperar que ella não desnortheie os que seguem a bandeira do partido regenerador liberal.

As côrtes foram addiadas e por estes dois mezes e meio é possível e até provavel que os furores politicos se moderem, o que parece ser o desideratum do ministerio. Lisboa, que contava com um verão menos pacato, ver-se-ha reduzida como nos mais annos, aos foguetes dos santos durante os calores de junho.

Mas, por enquanto, ainda algumas festas lhes querem lembrar o inverno. Foi entre ellas a mais falada a representação promovida pela sr.^a Condessa de Azambuja no theatro da Trindade e em que curiosos distinctos cantaram, representaram e compuzeram dois quadros vivos.

Uma festa realmente interessantissima, cujo producto, como o da representação do theatro de D. Maria, como o da que deve realizar-se talvez no theatro da Rua dos Condes, sob a direcção dos srs. Condes da Figueira, se destina a um fim de caridade.

Gosam os ricos que se divertem, gosam os pobres tambem, com mais alguns dias em que possam esquecer a miseria que os atormenta. Este genero de festas, que tanta curiosidade desperta, tem a mais este grande bem, distribuir um bocadinho de riqueza, apagar algumas lagrimas, dando todos por bem empregada a esmola com a alegria que lhes trouxe aos espiritos.

Foi quasi a despedida do theatro portuguez de que Lisboa vai estando muito falha. Os de D. Maria e os de D. Amelia continuam pelas provincias do norte. Naquelle theatro ouve-se agora italiano e n'este hespanhol; chora-se n'um, ri-se a gente no outro.

Italia Vitaliani visitou-nos agora pela segunda vez, e tendo-se estreado com a *Magda*, cujo desempenho é por ella uma obra prima, ouviu logo na primeira noite os mesmos calorosos applausos com que em Lisboa se havia despedido do publico portuguez a quem deixou saudades. Os que preferem uma noite de expansiva alegria vão para o D. Amelia applaudir o Nadal, encantar-se com a voz da Taberner ou a formosura da Imperio. A zarzuela, já agora é fatal em maio, e vem d'aqui a pouco nos almanacks. O theatro enche-se, o publico applaude, a musica é boa, as peças muitas vezes teem graça. Pois ainda bem que ha zarzuela.

De artistas portuguezes pouco teremos a dizer de aqui a poucos dias. Aproveitemos, emquanto é tempo, para aqui deixar menção do beneficio de Jesuina Saraiva, realisado no theatro do Gymnasio com a nova peça de Julio Rocha *Segredo na bocca de muitos*, e o concerto promovido no Salão do Conservatorio pelo insigne violinista, sr. Benetó.

Começamos esta chronica referindo-nos a um illustre portuguez, fechamol-a com duas linhas a respeito de Vianna da Motta, elle tambem grande gloria da nossa terra. Juntamos ao do mundo inteiro, por elle percorrido entre aclamações dos entusiastas de seu talento, o nosso humilde applauso ao interprete insigne dos grandes genios musicaes.

João da Camara.

Chronica Occidental

Honra-se hoje o Occidente, publicando na sua primeira pagina o retrato do sabio professor do Curso Superior de Lettras, Dr. Theophilo Braga. Não é a primeira vez que tão justa homenagem lhe é prestada pela nossa revista, áquelle que, infatigavel trabalhador, tendo ás suas ordens uma excepcional, muito superior intelligencia, merece a altissima consideração de todos e particularmente a nossa, a dos portuguezes, porque elle é

Congresso de leitaria, olivicultura e industria dos azeites

EXPOSIÇÃO NA REAL TAPADA D'AJUDA

A Real Associação Central da Agricultura Portugueza é incontestavelmente a primeira aggrimação da lavoura; de anno para anno vai adquirindo mais prestigio entre os lavradores, que vêm n'essa associação o formidavel baluarte, a salvaguarda, dos seus interesses mais justos.

Por diferentes vezes a Real Associação d'Agricultura tem feito valer a sua enorme influencia, quer intercedendo junto dos governos pela causa da lavoura, quer promovendo congressos e exposições, d'onde tem advindo importantissimos melhoramentos para a agricultura e para as industrias correlativas. Como exemplos da sua dedicação pela propaganda agricola, citamos a exposição de 1884 e os congressos viti-vinícolas de 1895 e de 1900, cujo brilhantismo e alta significação ainda perdura na memoria de todos e que tão proficuos resultados trouxeram ao paiz inteiro.

A extensa lista dos feitos praticados pela Real Associação d'Agricultura em prol da lavoura nacional, temos a acrescentar mais dois certamens, celebrados nos dias 7 e 11 d'este abençoado mez de maio, mez de flôres e de sol, mostrando que a Natureza tambem quer associar-se á louvavel iniciativa d'aquella prestimosa sociedade agricola.

Referimo-nos ao congresso de lacticinios e de olivicultura, e á exposiçáo de gado leiteiro, de machinas e productos das industrias dos lacticinios e dos azeites.

O primeiro realiso-se nas espaçosas salas da Sociedade de Geographia; a segunda celebrou-se na Real Tapada d'Ajuda. A exposiçáo é complemento da obra do congresso; ambos tendem ao mesmo fim, e traduzem o desejo de que os seus resultados revistam um aspecto essencialmente pratico.

Tanto o congresso como a exposiçáo despertaram o mais vivo interesse em todo o paiz, porquanto está plenamente reconhecido que as industrias dos lacticinios e dos azeites são susceptiveis de largos aperfeiçoamentos, tanto pelo que respeita á qualidade como á quantidade dos productos, alguns dos quaes já hoje occupam honroso lugar ao lado dos similares estrangeiros; o que nos deve orgulhar tanto mais quanto é certo que datam de poucos annos as primeiras tentativas para o aperfeiçoamento d'essas promettedoras e lucrativas industrias agricolas, que podem soffrer um rapido desenvolvimento, attendendo ás excepçoes condições do nosso paiz.

O congresso foi solemnemente inaugurado no dia 7 do corrente, com a assistencia de Suas Magestades El-Rei e a Rainha e do sr. infante D. Alfonso, assistindo o ministerio e as direcções da Sociedade de Geographia, da Real Associação d'Agricultura, da Sociedade das Sciencias Agronomicas e da Sociedade Portuguesa de Medicina Veterinaria, as quaes cooperaram d'uma maneira efficaz na realisação do emprehendimento, que tão auspiciosamente foi inaugurado, sob a presidencia de El-Rei, que mais uma vez veiu testemunhar o profundo interesse que lhe merece a agricultura nacional.

O discurso de abertura foi lido pelo nobre conde de Bertiandos, illustre presidente da assembleia geral da Real Associação d'Agricultura e o mais incansavel propugnador da lavoura portugueza, que pôz em relevo a obra do congresso, agradecendo, em nome da Real Associação, o concurso de todos quantos se dignaram de contribuir para o bom exito d'aquelle certamen. Sua Magestade El-Rei, em resposta, mostrou quanto lhe era grato assistir a reuniões de agricultores, em cujo numero se contava, associando-se ao generoso e patriótico pensamento da Associação d'Agricultura.

Não nos permite o aconchado espaço d'esta revista dar uma pallida idéa do que foi o congresso, tanto nas reuniões das diferentes secções, como nas sessões plenarias, nas quaes se discutiram detalhada e scientificamente as conclusões das varias theses submettidas á apreciação critica d'aquella numerosa e selecta assembleia, constituida pelos mais distinctos agronomos, veterinarios, chimicos, professores e lavradores, animados todos do louvavel empenho e patriótico intento de estabelecer a verdadeira e mais proficua doutrina, que, irradiando rapidamente por todo o paiz, se desentranhe, dentro em breve, em abundantes e preciosos fructos, attendendo a que a semente foi cuidadosamente apurada e o terreno é uberrimo e promete farta colheita.

As theses foram apresentadas vinte e nove theses, sendo quatorze relativas á criação e exploração do gado leiteiro, material e processos de leitaria, e as restantes concernentes a cultura da oliveira, material e processos do fabrico do azeite.

Na impossibilidade de apresentarmos as conclusões, damos a lista das theses e dos respectivos relatores.

1.ª PARTE — Lacticinios

These 1.ª — Vaccas leiteiras, estudo das diferentes raças existentes no paiz e das que n'elle

poderão ser introduzidas com o fim da exploração leiteira — sr. Antonio Roque da Silveira, veterinario.

These 2.ª — Gado ovelhú e caprino: estudo das diferentes raças existentes no paiz e das que n'elle poderão ser introduzidas com o fim da exploração leiteira — sr. José Miranda do Valle, veterinario.

These 3.ª — Plantas forraginosas e praticultura — sr. Manuel do Carmo Rodrigues de Moraes, agronomo.

These 4.ª — Melhoramentos das pastagens naturais e seu desenvolvimento sob o ponto de vista da produção lactigena — sr. Antonio Mendes d'Almeida, sylvicultor.

These 5.ª — Industria da venda do leite em natureza; material e processos da conservação do leite — sr. dr. Hugo Mastbaum, chimico-analista.

These 6.ª — Fabrico e commercio da manteiga em Portugal — sr. Adolpho Augusto Baptista Ramires, agronomo.

These 7.ª — Fabrico e commercio do queijo em Portugal — sr. Joaquim Pedro da Assumpção Rasteiro, agronomo.

These 8.ª — Leite condensado e leite esterilizado; aproveitamento dos productos secundarios da leitaria — sr. dr. Antonio Francisco d'Azevedo, medico.

These 9.ª — Planos e modelos de installações leiteiras — sr. Alberto Correia Pinto d'Almeida, agronomo.

These 10.ª — Fructuarias ou associações leiteiras em Portugal — sr. José Victorino Gonçalves de Souza, agronomo.

These 11.ª — Credito agricola, applicado á exploração leiteira — sr. conde de Penha Garcia, deputado e lavrador.

These 12.ª — Estações zootecnicas ou estabelecimentos officiaes para o aperfeiçoamento das raças leiteiras — sr. Antonio Maria dos Santos Viegas, lente do Instituto d'Agronomia.

These 13.ª — Escolas de leitaria e medidas de fomento para a industria da leitaria em Portugal — sr. Abel Fontoura da Costa, lente da Escola Naval e lavrador.

These 14.ª — Alterações e falsificações do leite e seus derivados industriaes. Contribuição para o estudo da sua fiscalisação — sr. Adolpho Augusto Baptista Ramires.

2.ª PARTE — Oleicultura

These 1.ª — Cultura da oliveira em Portugal: variedades de oliveiras cultivadas — sr. Manuel de Souza da Camara, agronomo.

These 2.ª — Doenças da oliveira — sr. José Veissimo d'Almeida, lente do Instituto d'Agronomia.

These 3.ª — Epoca da maturação e apanha da azeitona. Escolha e lavagem do fructo — sr. dr. Francisco Augusto d'Oliveira Feijão, medico, lavrador e lente da Escola Medica.

These 4.ª — Conservação da azeitona; entulhamento e sua influencia na qualidade dos azeites comestiveis — sr. Ramiro Larcher Marçal, agronomo.

These 5.ª — Moenda da azeitona; material e processos do esmagamento e sua influencia nas qualidades comestiveis — sr. Manuel Tavares Veiga, agronomo.

These 6.ª — Prensas para azeite, material e processos de espremedura das massas de azeitona — sr. Manuel Tavares Veiga.

These 7.ª — Decantação, lavagem e filtração do azeite — sr. Domingos Alberto Tavares da Silva, agronomo.

These 8.ª — Aproveitamento dos bagaços da azeitona; extracção do azeite pelos processos chimicos — sr. Luiz Augusto Rebello da Silva, lente do Instituto d'Agronomia.

These 9.ª — Causas que alteram os azeites e dos meios de conserval-os — sr. José Joaquim dos Santos, agronomo.

These 10.ª — Planos e modelos de lagares de azeite — sr. Alberto Correia Pinto d'Almeida.

These 11.ª — Lagares sociaes — sr. Virgilio Augusto Bugalho Pinto, agronomo.

These 12.ª — Lagares-escolas e estações oleícolas; medidas de fomento applicaveis á industria do azeite — sr. Cincinnato da Costa, lente do Instituto d'Agronomia.

These 13.ª — O commercio do azeite em Portugal e o regimen do *drawback* applicado á importação do azeite estrangeiro; mercados oleícolas — sr. Sertorio do Montê Pereira, lente do Instituto d'Agronomia.

These 14.ª — Credito agricola applicado á industria oleicola — sr. conde de Penha Garcia.

These 15.ª — Falsificações dos azeites e fisca-

lisações contra a fraude — sr. dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, lente da Academia Polytechnica do Porto e director do Laboratorio Chimico Municipal.

Quem teve a ventura d'assistir aquellas reuniões de lavradores illustrados e conhecedores de todos os problemas, que mais directamente interessam á agricultura, ficou decerto maravilhado pelo entusiasmo com que eram discutidas as varias theses, algumas das quaes soffreram ligeiras alterações, outras — como por exemplo, a primeira — foram completamente modificadas, e outras receberam a mais calorosa confirmação da assembleia, como succedeu á do Sr. Conde de Penha Garcia, que se occupava do credito agricola, a qual foi approvada sem discussão, facto este que veio confirmar o alto conceito em que são tidos os trabalhos d'aquelle illustre parlamentar, cujos conhecimentos profundos sobre os mais transcendentales problemas financeiros e sobre direito internacional lhe tem acarretado a veneração e o respeito do paiz, que muito tem a esperar da sua actividade e intelligencia.



CONDE DE PENHA GARCIA

O sr. Conde de Penha Garcia é tambem um opulento lavrador, que por varias vezes tem honrado a Real Associação d'Agricultura com a sua palavra facil e elegante, sendo escutado religiosamente pelos socios d'aquella associação e por todos quantos apreciam as suas proveitosas conferencias, que versam sobre as questões de maior interesse economico-agricola.

Agora mesmo na sua ultima sessão do congresso, este illustre relator se offereceu á Real Associação para fazer propaganda, tanto em Lisboa como na provincia, sobre os assumptos respeitantes ao credito applicado á agricultura, quer sob a forma de *caixas de credito* ou de *bancos agricolas*, quer de *cooperativas*.

Equal offerecimento foi feito tambem pelo sr. Bugalho Pinto, que se occupará das *cooperativas agricolas*.

Além das theses acima mencionadas, foram enviadas ao congresso sete memorias sobre as mesmas materias das theses. São as seguintes:

Memoria sobre o azeite no concelho de Serpa, seu fabrico tradicional, pelo dr. Antonio Ladislau Pizarra;

Memoria sobre o oleo da amendoa da azeitona, pelo dr. Otto Klein;

Memoria acerca da epoca da colheita da azeitona, pelo sr. Ramiro Larcher Marçal;

Memoria sobre a fabricação de queijo de ovelha em Serpa, por M. D. Ferreira d'Almeida;

Memoria sobre a industria da leitaria na Suecia, por J. V. Gonçalves de Souza;

— Contribuição para o estudo dos azeites portuguezes;

— Dois lagares d'azeite (da sr.ª condessa de Sobral, em Almeirim, e o do sr. Carlos Anjos, na Luz).

Estas duas ultimas memorias constituem uma valiosa contribuição dos alumnos do 5.º anno do curso agronomico para a obra do congresso. São trabalhos que evidenciam o entranhado amor com que os jovens e esperançosos agronomos se vão consagrar á agricultura.

Eis os nomes d'esses auidazes obreiros da sciencia agronomica: — Augusto Sant'Iago Barjona de Freitas, José Avelino da Silva e Matta, Octavio Bandeira de Mello, Pedro Celestino Castel-Bravo, Pedro de Castro Pinto Bravo, Vasco Jardim, Filipe Felix da Silva, Diogo Folque Possollo,

Congresso e Exposição de Lacticínios, Olivicultura e Azeites

Francisco R. de Sousa d'Alte, João Eleutherio Cardoso e João Jacintho Seabra.

Justo é consignar o incentivo que aquelles alumnos receberam do illustre director do ensino pratico do curso, sr. D. Luiz de Castro, que insufflou no animo dos seus discipulos a idéa de cooperarem d'um modo tão significativo para o bom exito do congresso.

O sr. D. Luiz de Castro occupa um logar á parte na agricultura portugueza, logar conquistado pela sua intelligencia, vasto saber e rara actividade, fortalecida pela fé inabalavel d'um verdadeiro crente no resurgimento agricola da nossa patria.

O livro, as revistas, o jornal e as conferencias constituem poderosos meios de propaganda agricola, que o sr. D. Luiz de Castro põe em acção por uma fórma brilhante. De todos são conhecidas as suas lucidissimas chronicas agricolas publicadas no *Diario de Noticias*, com uma pontualidade digna do maior elogio e que visam os assumptos de maior interesse e actualidade para a lavoura.

(Continua) J. A. Macedo d'Oliveira

Conselheiro Dr. Arthur Montenegro

NOVO MINISTRO DA JUSTIÇA

Pela sahida do sr. conselheiro dr. José d'Alpoim de ministro da justiça, foi chamado pelo sr. presidente do conselho a occupar esta pasta, o sr. dr. Arthur Montenegro, deputado e parlamentar distincto, cuja sua primeira candidatura data de 1892 em que foi eleito por Sinffães,



CONDE DE BERTIANDOS — PRESIDENTE DO CONGRESSO

sendo na actual legislatura o *leader* da maioria.

E' novo ainda o sr. dr. Arthur Pinto de Miranda Montenegro e, comtudo, poucos com a sua idade tem vencido uma carreira tão brilhante sendo aos 26 annos lente cathedratico de direito da Universidade de Coimbra.

Tendo nascido em Lisboa a 9 de Abril de 1871, filho do sr. general Montenegro, entrou para a Universidade em 1887, onde se matriculou em direito, sendo considerado como um dos mais intelligentes estudantes do seu curso e premiado, concluindo a formatura em 1892 e defendendo these em 1894 para tomar capello.

Lente cathedratico em 1898, foi tambem nomeado vogal do Conselho Superior de Instrucção Publica, em 11 de agosto d'esse anno.

São estas as notas principaes da biographia do sr. conselheiro dr. Arthur Montenegro, que podemos colher, mas eloquentes para ajuizar do seu valor intellectual.

Tem a data de 10 do corrente o decreto nomeando o sr. dr. Arthur Pinto de Miranda Montenegro, ministro da justiça, elevado cargo de que certamente se desempenhará com o criterio e competencia de que seus precedentes são a melhor garantia.

CASA DE ARTISTA

Este titulo, que outro não ha mais nem melhor cabido, refere-se a uma



TOURO REPRODUCTOR, PESANDO 1,039 KILOS PERTINENTE Á DIRECÇÃO GERAL DE AGRICULTURA



VACCA HOLLANDEZA LEITEIRA, PERTINENTE Á DIRECÇÃO GERAL DE AGRICULTURA



UM REDIL DE OVINOS



UM ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DE AZEITES E LACTICINIOS

Photographias do sr. J. Joaquim d'Almeida

casa acabada de edificar na rua Antonio Maria Avellar, no alto da Avenida, da qual é proprietário o pintor sr. José Malhó, que ha muito honra a arte nacional com os seus trabalhos levados ás exposições do Salon e aos modestos certames da nossa Academia de Bellas Artes.

A *Casa de Artista* é um primor de esthetica; na sua concepção fundiram-se as aptidões de dois nomes já consagrados: as do architecto e as do constructor. O primeiro cheio de inspiração e talento, o sr. Norte Junior, que ha pouco ainda, deixara brilhantemente firmadas as suas aptidões no concurso do premio Valmór; o segundo um constructor civil de indiscutível e bem firmado merito, o sr. Frederico Ribeiro.

Esta casa e a do sr. Ventura Terra, que obteve o premio Valmór e que reproduzimos a paginas 165 do vol. xvii, são dois bellos exemplares que Lisboa admira como dois ideaes de arte, e que ultimamente vieram embelezar as modernas ruas da Avenida e manifestar o grande aperfeiçoamento a que entre nós chegou a construção civil.

Tratando da casa do sr. Malhó diremos que não só na parte technica e architectonica é um verdadeiro modelo de eshetica, como ainda tem a aformoseal-a a decoração artistica das fachadas, para que forneceram modelos para a pintura, Malhó, o seu proprietario, e Antonio Ramalho, tendo sido a execução a *fresco* confiada ao conhecido artista Eloy, professor de pintura decorativa da Escola Affonso Domingues; incumbindo-se da parte escultural, outro artista também notavel, o esculptor Costa Motta, cujo concurso brilhante elle não quiz deixar de prestar, para que á casa de Malhó ficasse também vinculado o seu prestigioso nome.

O OCCIDENTE registando com sincero jubilo a feliz realisação d'um trabalho em que cooperaram tão notaveis elementos, felicita o proprietario por vêr realisado o seu ideal de artista, e ao mesmo tempo por ter dotado a cidade com uma tão primorosa manifestação da arte moderna.

Depois de Yaterloo — Na Ilha d'Aix

(Para Manuel de Macedo)

II

(Continuado do n.º 948)

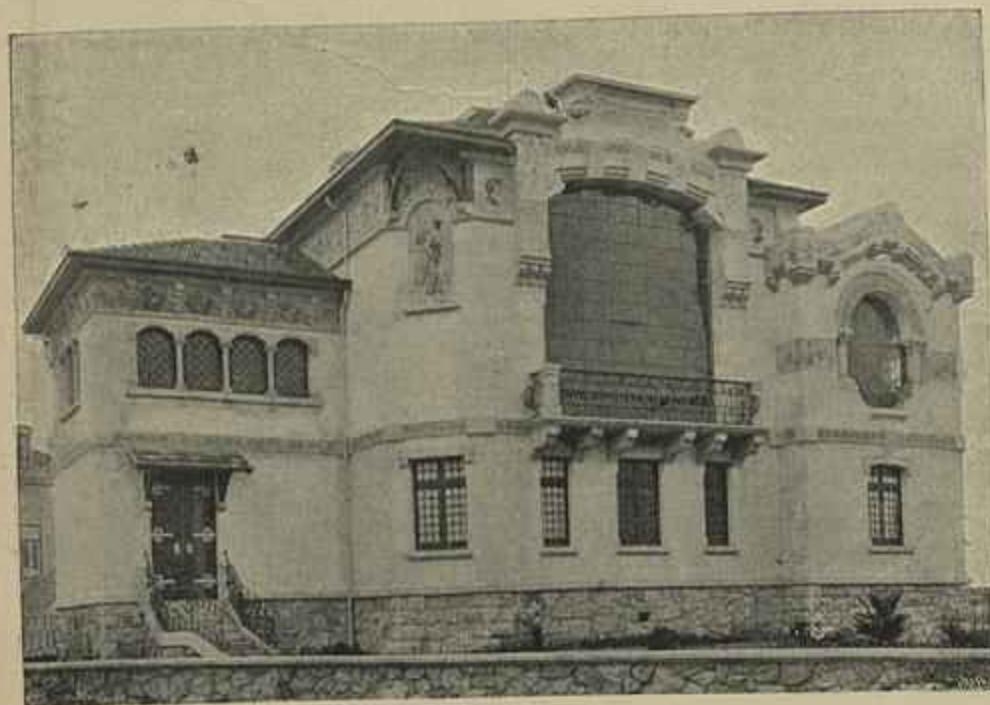
No 1.º de julho depois de demorar-se em Poitiers chegou a Niort onde se demorou até ao dia 3. Aqui desceu a prefeitura e recebeu os officiaes do 2.º d'hussards que lhe supplicavam ainda de pôr-se á frente dos exercitos. Elle porem respondeu: «Já não sou nada. Já não posso nada.»

Todavia os que o acompanhavam na viagem affirma-



CONSELHEIRO DR. ARTHUR MONTENEGRO

Novo ministro da Justiça



CASA DE ARTISTA, PERTENCENTE AO SR. JOSÉ MALHÓ, NA RUA ANTONIO MARIA D'AVELLAR.—Architecto, sr. Norte Junior, constructor, sr. Frederico A. Ribeiro

vam que a sua attitudé não era desanimada e que «o seu pensamento pairava sempre sobre o futuro, illusões lhe embalavam a imaginação, e não perdera a esperança de dominar os acontecimentos.» O desengano estava porem prestes. Entrevendo em Niort a prespectiva da impossibilidade da ida para a America, a 2 de julho, mandava dizer ao general Becker, para Paris, que se punha á disposição do governo «como general unicamente occupado do desejo de ser util á patria.»

Avisado da situação da esquadra ingleza elle queria, diz a carta do general Becker: «poupar á França a dôr e a vergonha de Sua Magestade ser arrebatada do seu ultimo asilo para ser entregue aos seus inimigos.»

A 3 de julho chegava a Rochefort, que lhe era sympathica, e onde poucos dias antes se celebrara uma festa militar entusiastica.

O povo queria vel-o; Napoleão resistiu algum tempo, mas afinal appareceu no terraço da prefeitura maritima. As tropas aclamaram-no, e o povo, em seguida, com um entusiasmo igual ao dos seus dias triumphaes.

Durante os cinco dias que esteve em Rochefort recebeu as deputações do partido militar. Davam-lhe a illusão de viver no centro d'um exercito. Havia na cidade um regimento d'artilheria de marinha; em Niort um d'hussards, que lhe era muito dedi-

cado; na ilha d'Aix um regimento de marinheiros; na Rochella 1:500 guardas nacionaes alem dos 3:000 gendarmes espalhados pela região; do lado de Bordeaux muitos regimentos d'infanteria estavam sob as ordens de Clausel.

Durante este tempo, porem Bonnefoux e Becker compelliam o imperador a aproveitar todas as occasiões que o vento e as marés lhe offereciam.

As fragatas postas á sua disposição eram a *Saale*, commandada por Philibert e a *Medusa* commandada por Pené. O cruceiro inglez na embocadura do Charente e os ventos contrarios difficultavam a sahida d'estes navios.

A 4 de julho o general Lallemand foi a bordo do *Epervier* que estava no porto de Rochefort e ordenou ao commandante, o tenente Jourdan de la Panardiére que voltasse muito depressa para a ilha d'Aix.

A 5 de julho embarcava na *Saale* e na *Medusa* toda a bagagem do imperador e de seu sequito.

Eram numerosos os volumes de bagagem, pois todos aquelles que o seguiam esperavam estabelecer no ponto desconhecido para onde iriam as vaidades e exigencias d'uma côrte.

Um conselho de officiaes superiores de terra e mar se formou em Rochefort para tratar dos meios de salvação. Foi proposto:

1.º — Recorrer a navios neutros estacionados na costa e n'este sentido pensou-se no brigue dinamarquez — *Madeleine* — que estava na bahia d'Aix, e pertencia ao

armador Frühel d'Oppendorff, sendo commandado pelo genro d'este, um tenente de marinha francez, M. Besson.

2.º — Embarcar em pequenas chalupas, illudindo a vigilancia do inimigo confiando-se a aspirantes que promettiam conduzi-lo a lugar seguro.

3.º — Ir até Bordeaux e procurar a corveta *Bayadère*, commandada pelo capitão Baudin e estacionada de maneira que sem grande difficuldade podia ganhar o mar alto. Era esta a opinião do velho almirante Martin, que se esforçou calorosamente para que fosse accete, pois considerava este o unico meio seguro do imperador poder alcançar a America.

Napoleão ouvia, interrogava, mas não se decida. Uns attribuem a sua indecisão a secreta esperanza de ser chamado pelo governo provisório para dirigir as operações militares, outros attribuem-na á doença, desanimo e fadiga de que dava provas.

Na vespera do embarque, a 7 de julho, enviava-lhe a guarnição da Rochella uma deputação offerecendo-lhe conduzi-lo ao exercito, affirmavam-lhe a dedicacão do exercito do Loire e a affeição das populações do sul; mas, segundo elle proprio o disse, o imperador não encontrava esperanza d'um resultado favoravel, embora possesse causar grandes perturbações e carnificina, o que não queria só pela sua pessoa «Quando se tratasse do imperio isso era outra cousa.»

Todavia as provincias não adheriam com fervor á causa realista, era uma expectativa dos resultados finaes. Assim pensava sir Humphrey Senhouse, que para negociações da coalisção percorrerá os arredores de Nantes e dizia em carta a sua mulher: «Se elle foge para a America, commetteria a Europa uma imprudencia desarmando-se.»

Na manhã do dia 8 de julho Becker informou Napoleão das decisões do governo provisório. Os serviços offerecidos pelo imperador eram recusados e a sua partida abreviada, empregando-se, se necessario fosse, a força «conservando-se todavia o respeito que lhe era devido.»

Depois d'examinar a situação e em vista da attitudede Bonaparte e do general Becker o imperador disse:

«Bem! Dae ordem d'equipar as embarcações para a ilha d'Aix.»

Estas ordens foram dadas. O escaler do prefeito maritimo foi dirigido para Fouras, foram enviados officiaes para vigiar o embarque. Prepararam-se carruagens e a escolta de hussards de Niort formou.

As 4 horas estava tudo prompto. Napoleão e os seus companheiros haviam-se reunido n'um salão, e o imperador lançando os olhos sobre os jornaes que chegavam de Paris soube por elles a capitulação de 3 de julho que entregava a França aos alliados. Lendo esta noticia correu precipitadamente para uma sala visinha onde um dos seus intimos o encontrou chorando. Foi a unica vez em que a coragem e a serenidade o abandonaram. Revoltara-lhe a capitulação a sua alma de soldado e comprehendeu que a sua estrella se apagava.

(Continua).

RIBEIRO ARTHUR.

CANON DOYLE

O DEDO POLEGAR DO ENGENHEIRO

(Concluido do numero antecedente)

Volvido cerca de tres horas, iamos todos tres no comboio que, partindo de Reading devia levar-nos áquella villa do condado de Berkshire que fora theatro do drama em questão; todos tres, isto é, Sherlock Holmes, o engenheiro, o inspector Bradstreet de Scotland Yard, um agente á paisana e a minha pessoa. Bradstreet estendera um mappa militar do condado sobre os joelhos, e traçara a compasso um circulo tendo por centro Eyford.

— Aqui tem, disse. Este circulo tem um raio de dez milhas. O sitio que buscamos deve de achar-se aqui dentro, em qualquer parte. O senhor disse dez milhas, não é assim?

— Disse: uma hora bem medida de carruagem.

— E creê então que o fizeram percorrer outra vez esse trajecto enquanto se achava com os sentidos perdidos?

— Assim parece. Tenho porém uma vaga reminiscencia de me haverem erguido em péso do chão e levado em braços.

— O que eu não posso perceber, atalhei, é o haverem-n'o poupado quando o foram encontrar

sem sentidos, no jardim. E' possivel que aquelle miseravel se deixasse enternecer pela mulher.

— Não se me affigra ser facto provado. Nunca, em dias de minha vida, contemplei uma physionomia de mais implacavel expressão.

— Deixe lá! Tudo isso virá a esclarecer-se, afirmou Bradstreet. Ora pois, eis o meu circulo e não se me daria de saber onde é que se encontrará, dentro deste espaço, aquella gente em cuja busca andamos.

— Creio que poderei designar-lhe o sitio, afirmou Holmes com todo o seu socêgo.

— Deveras! exclamou o inspector, dar-se-ha o caso de que tenha já uma opinião assente ácerca deste negocio? Vamos ver qual de nós concordará com o senhor. Eu digo que fica para o sul, visto como para, aquella banda, é menos habitada á região.

— E eu, opino em que seja para leste, impugnou o meu doente.

— E eu pronuncio-me em favor de oeste, disse o individuo em traço civil. Para essa banda abundam casas insuladas.

— E eu, vou pelo norte, disse eu por minha vez; pois é para esse lado que fica a planicie e o nosso amigo afirmou não haver subido nenhuma encosta.

— Sim, senhor, exclamou a rir o inspector. Bonita diversidade de opiniões, não tenha duvida. Repartimos entre nós tres os quatro pontos cardeaes. A qual de nós dá o seu voto, senhor Holmes?

— Nenhum dos senhores tem razão

— Mas não podemos todos deixar de a ter.

— Lá isso podem. O meu ponto é aqui, e collocou o dedo no proprio centro do circulo. E' aqui que os lavemos de encontrar.

— Onde fica então aquelle percurso das onze milhas? perguntou Hatherley

— Seis para a ida e seis para a volta. Nada mais simples. O senhor afirmou que o cavallo vinha folegado. E como é que o poderia estar, tendo já andado doze milhas por maus caminhos?

— No meu entender, foi um ardil verosimil em extremo observou Bradstreet, pensativo. Naturalmente, não lhe restavam duvidas quanto á natureza dessa quadrilha.

— De especie alguma, retorquiu Holmes. São moedeiros falsos em grande escala e a prensa serve-lhes para fabricar o amalga que substituem á prata.

— Ha tempos, sabiamos da existencia duma quadrilha muito habil em fabricar moeda falsa. Cunharam meias coróas, aos milheiros. Seguimos-lhe o rastro até Reading, mas ficámos-nos por ahí Não, que elles tinham enredado as pistas de modo a demonstrar o terem dado um par de annos ao officio. E agora, graças a tão propicio acaso, creio que os teremos seguros.

Enganava-se o inspector. Aquelles malfeteiros não tinham que cair nas mãos da justiça. Quando chegámos a Clyford, vimos uma altissima columna de fumo surgindo por cima de um arvoredó ali proximo, e alastrando-se por sobre a paisagem qual immensa penna de avestruz.

— Uma casa a arder? indagou Bradstreet do chefe da estação, no acto de se pôr de novo em andamento o comboio.

— Sim, senhor.

— E quando é que principiou?

— Ouvi dizer que fora de noite, mas ateou-se, e agora, está uma labareda pegada.

— E a quem pertence o predio?

— Ao doutor Becher.

— Ora diga-me, atalhou o engenheiro, esse tal doutor Becher não será um alemão, muito magro, com um nariz muito comprido e bicudo?

Desatou a rir o chefe da estação: Não senhor, o doutor Becher é inglês, e em toda a paróquia não haverá homem mais gordo. Mas vive em companhia d'elle um sujeito, doente, ao que parece, e estrangeiro, e a quem umas dosezinhas de carne de boi de Berkshire não deixariam de fazer arranjo.

Ainda não havia emitido estas palayras, e já nós estavamos a caminho em direcção ao incendio. O caminho galgava um cabeço, e na nossa frente avistavamos um predio branco de vastas dimensões cuspidendo fogo por cada janela, e por cada fenda, ao passo que três bombas collocadas em bateria no jardim combatiam o incendio sem maior resultado.

— E' aqui mesmo! bradou Hatherley, no acume de sobrealto. Cá está a rua ensabrada e as roseiras onde eu caí, e foi daquella janella do segundo andar que eu saltei.

— Então, sequer ao menos está vingado, disse Holmes. Não resta duvida de como foi o seu candeciro esmigalhado pela prensa que pegou fogo aos tabiques de madeira, e que no ardor da caça

que lhe deram ao senhor não tiveram conhecimento do facto. Observe bem se entre essa multidão encontra os seus amigos daquella noite: mas receio muito que se achem já a um bom par de centos de milhas d'aqui.

Os receios de Holmes tinham que realizar-se, pois desde aquelle dia ninguem mais ouviu falar da formosa dama, do sinistro alemão e do sombrio inglês. Um camponês, de manhã cedo, encontrara uma carreta, contendo varias pessoas, e uns grandes caixotes, rodando com velocidade em direcção a Reading; ali porém, desaparecia de todo o rastro dos fugitivos, e a propria sagacidade de Holmes não logrou jamais descobrir o minimo indicio por onde pudesse orientar-se.

Os bombeiros tinham ficado assombrados peranteas extravagantes disposições internas daquella casa, e muito mais pelo achado no parapeito da janella do segundo andar do dedo polegar de um homem, recentemente troncado. Pela volta da tarde, finalmente, o exito veio coroar-lhes os esforços e conseguiram supplantar o incendio: o tecto abatera, e com este varios tubos de ferro, da tal engenhoca que tão caro custara ao nosso amigo. Foram encontradas grandes quantidades de nickel e de estanho, armazenadas em um telheiro ao lado do edificio; nem uma só moeda, circumstancia que explica a presença dos taes caixotes grandes a que ha pouco nos referimos.

Os vestigios bem conservados da presença de um corpo humano na terra humida veio revelar-nos que fora transportado o ferido do jardim até ao sitio onde recuperou os sentidos. Fora manifestamente levado em braços por duas pessoas, uma das quaes tinha uns pezinhos de notavel pequenez e a outra, pelo contrario, de tamanho descomunal. Parece pois provavel, que o taciturno inglês, menos atrevido ou menos selvagem que o companheiro, tivesse ajudado a mulher a collocar o homem desmaiado ao abrigo de perigo.

Em summa, emitiu o nosso engenheiro, com tristeza, ao reassumir o seu logar no comboio, fiz um negocio de costa acima! Fiquei sem o meu dedo polegar e sem os meus cincoenta guinéus!

— Gannou experiencia, concluiu Holmes, rindo. E, indirectamente, resulta-lhe dahi outra vantagem: visto como em toda a parte onde narrar a sua aventura, grangear-lhe-ha ella a reputação do mais interessante narrador em todo o mundo.

M. MACEDO.

A natureza e seus phenomenos

PHYSICA

PARTE III

CALORICO

CAPITULO I

O calor e seus effeitos

(Continuado do n.º 498)

Quasi todos os corpos transparentes são *diathermicos* para o calor luminoso. O vidro é muito *diathermico* para o calor luminoso, e pouco *diathermico* para o calor obscuro. Por essa razão, é muito empregado nas estufas, visto que, durante o dia, deixa penetrar a través d'elle, os raios do sol, e não permite que estes se escapem durante a noite. A agua é pouco *diathermica*, sendo esse o motivo porque a proximidade das aguas tendem a diminuir a temperatura de um logar.

Influe tambem no poder *diathermico* dos corpos a sua superficie polida, a qual tende a enraquecer esse poder.

Enchendo um vaso d'agua quente, e cobrindo-o successivamente, de negro de fumo, cre, etc, veremos que, sendo a temperatura da agua constante e approximando um termometro da sua superficie externa, o mercurio não sobe sempre á mesma altura, dependendo este facto da substancia de que o vaso está revestido. D'aqui concluimos que nem todos os corpos emittem egualmente calor. O poder maior ou menor que os corpos teem em emittir calor denomina-se *poder emissivo*.

Cobrindo o reservatorio de um termometro successivamente de diversas substancias, taes como negro de fumo, cre, etc., e collocando-o sempre á mesma distancia de um foco calorifero, vemos que o mercurio não sobe sempre á mesma altura, dependendo este facto da substancia de que o thermometro está revestido. D'aqui con-

chuímos que nem todos os corpos absorvem igualmente calor. O poder maior ou menor que os corpos teem em absorver calor, chama-se *poder absorvente*.

Os corpos de grande poder *emissivo* são igualmente, os corpos de grande poder *absorvente*, o que é de fácil comprehensão. Um corpo absorvendo mais calor tem naturalmente mais tendencia em emittil-o, do que outro que absorva menos.

O poder *emissivo* e *absorvente* é minimo nos metaes, e maximo no negro de fumo, papel e vidro.

Fazendo incidir sob um espelho os varios caloríferos que emanam de um vaso cheio de agua quente, e collocando entre o espelho e o seu foco, successivamente, laminas de diversas substancias, os raios incidentes depois de se reflectirem no espelho, incidem sobre as laminas, accusando o thermometro maior ou menor temperatura consoante o maior ou menor poder reflectidor dos corpos.

O poder *reflectidor* dos corpos, isto é, o poder que esses corpos teem em reflectir calor, é inverso de todos os que até aqui temos estudado. O negro de fumo, o papel e o vidro tendo um poder *emissivo* e *absorvente* maximo, teem um poder *reflectidor* maximo. Os metaes teem, pelo contrario, grande poder *reflectidor*.

Comprehende-se que um corpo absorvendo calor, pôde emittil-o, e tanto mais quanto maior for a quantidade absorvida; da mesma fórma aquelles que o reflectem, visto não o terem absorvido, não podem naturalmente emittil-o.

Estes tres poderes explicam muitos factos. Assim, os pretos devido a sua cor supportam mais facilmente que os brancos o calor dos climas quentes em virtude do grande poder absorvente e *emissivo* da sua cor.

Por facto identico, os fogões são negros na parte externa para dar sahida ao calor, brancos e reflectidores na parte interna, para augmentarem a quantidade de calor reflectido, do foco, para o recinto.

Consoante o trabalho de propagação do calor n'um corpo, assim estes se denominam *bons* ou *maus conductores*. Em geral, os melhores conductores são os corpos mais densos, como por exemplo, os metaes; e os peores conductores, os corpos mais leves (palha, algodão, etc).

Se n'uma mesma chamma collocarmos dois utensilios identicos, sendo um munido de um cabo de madeira e outro de metal, constatar-se-ha a desigualdade de aquecimento entre ambos.

Se n'uma caixa de folha, tendo n'uma das faces crivada de orificios, hastes de varios corpos de que pretendemos conhecer a conductibilidade, cobrirmos essas hastes de cêra, e enchermos em seguida a caixa, de agua a ferver, constatar-se-ha que, n'algumas hastes, a cêra derreter-se ha mais facilmente do que n'outros, d'onde se prova que todos os corpos não são igualmente conductores do calor.

A desigual conductibilidade dos liquidos para o calor, demonstra-se da seguinte fórma: Introduzindo n'um vaso com agua fria um thermometro e feclhando esse vaso, superiormente, com outro, contendo agua a ferver, de modo que as duas superficies fiquem em contacto, o thermometro accusa pequeno augmento de temperatura, denotando a ma conductibilidade da agua para o calor.

No entanto, os liquidos aquecem facilmente, se o calor lhes for transmittido pela parte inferior, porque as camadas inferiores aquecidas, dilatando-se, tornam-se mais densas e sobem sendo substituidas por outras mais frias, que por sua vez aquecem, estabelecendo-se duas correntes: uma *ascendente*, a mais quente e a outra *descendente*, a mais fria. A esta phenomeno chama-se *convecção*.

(Continúa).

ANTONIO A. OLIVEIRA MACHADO.

CONTO DO NATAL

POE

AFFONSO LOPES VIEIRA

Consoante nosso promettimento, quando nos referimos aos *Caracteres humanos*, de Paulo Montegazza, cabe hoje a vez a esta linda producção poetica do auctor das *Poesias escolhidas*, o sr. Affonso Lopes Vieira, um verdadeiro artista em poesia.

Muito novo ainda, as suas producções de valia estão já muito espalhadas e em todas ellas se vê um cunho de valor.



AFFONSO LOPES VIEIRA

N'uns sentidos duettos dá nos o sr. Affonso Lopes Vieira, no seu *Conto do Natal*, a historia de Christo que percorre andrajoso uma cidade, batendo ora n'uma casa de rico ora n'uma casa de lavrador pobre, pedindo agazalho, e sendo, por ambos repellido.

Como as nossas palavras nada mais podem dizer, transcrevemos um trecho para o nosso amavel leitor avaliar do merito da *bluette* a que alludimos:

Bate o mendigo a uma porta e fala
Com uma voz que geme, treme e exala

Todo o cansado frio e a velha fome
Que o seu corpo tristissimo consome:

— Irmão, peço poisada. E' um mendigo
Que foi, um dia, o teu melhor amigo,

E que a Dôr immortál, com desenganos,
Envelhecendo anda há dois mil annos!

Dar-me-has do teu lume e do teu pão
E mais da tua caridade, irmão.

Morri por ti, pregado n'uma cruz.
Abre-me a tua porta. Sou Jesus... —

E de dentro da casa onde bateu
Eis que uma voz assim lhe respondeu:

— O meu pão vem das terras onde cavam
Cavadores que eu pago e m'a desbravam:

E' para a minha mesa, é para os meus dentes
Que o mastigam agudos e contentes.

O meu lume é só meu. O lenhador,
Que é o meu servo, como o cavador,

Abate as minhas arvores, trabalha
Para me dar conforto, e me agazalha.

E o sol que amadurece o pão que é meu,
Que apenas para mim floriu, cresceu,

E enrija cada arvore tamanha
Que me dará, em cada inverno, a lenha.

Lume e pão são p'ra mim! Não quero dar!
Tu és Jesus? Mas nunca ouvi falar... —

Ficamos por aqui, agradecendo cordealmente a offerta enviada a esta redacção pelo nosso excellent amigo Gomes de Carvalho, que dirige com proficiencia a Casa Tavares Cardoso, editora do livro a que nos referimos.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR

NECROLOGIA

VISCONDE DE SOVERAL

No dia 1 d'este mez falleceu em Lisboa, no hotel Borges, onde vivia ha 15 annos, o sr. Visconde de Soveral, Luiz Augusto Pinto de Soveral, o mais antigo dos diplomatas portuguezes, que desde 1866 fora collocado na disponibilidade, tendo servido na carreira diplomatica cerca de trinta annos.

O illustre extincto nasceu em S. João da Pesqueira a 16 de maio de 1812, filho de Luiz de Soveral Vassallo de Sousa e de D. Anna Candida Pinto. Foi educado em Inglaterra e ali se habilitou com o curso superior de lettras pela Universidade de Londres.

Aos 27 annos de idade entrou na carreira diplomatica, sendo nomeado primeiro addido á legação de Londres, por decreto de 12 de junho de 1839. Desde esse anno até 1856 occupou alternadamente o logar de addido e de secretario, ora na corte de Inglaterra ora na de Hespanha.

Em 1856, por decreto de 22 de fevereiro, foi promovido a enviado extraordinario e ministro plenipotenciario á corte do Rio de Janeiro, de que não chegou a tomar posse, por ser transferido, na mesma cathogoria, para Madrid, por decreto de 22 de outubro do mesmo anno.

O sr. Visconde de Soveral era um espirito muito illustrado, grande amator d'arte, possuindo algumas obras preciosas, podendo observar-se nos aposentos que occupava, no hotel Borges, um pequeno museu de quadros, moveis e louças de reconhecido valor artistico.

Era o typo do fidalgo antigo quer na corrección do seu porte, quer na elegancia do seu traje, quer na affabilidade do seu trato.

Ao illustre diplomata por seus serviços e cathogoria os governos lhe conferiram altas distincções.

O extincto era tio dos srs. Marquez de Soveral e Visconde d'Asseca, a quem endereçamos os nossos pesames.

CONSELHEIRO CONEGO ANTONIO JOSÉ DA SILVA

Com 70 annos de idade falleceu no dia 5 do corrente, em Coimbra, na casa da sua quinta das Alpenduradas, o sr. conselheiro Antonio José da Silva, conego da Sé de Coimbra, vice-reitor do Seminario, professor de theologia e governador do bispado.

A idade não lhe estorceceu o espirito nem lhe alquebrou o corpo. Forte e de boa presença, nada faria suspeitar que a morte lhe andasse tão perto.

Foi erudito professor, de exposição clara e ensino proveitoso confirmado por seus numerosos discipulos. Polemista vigoroso na imprensa e na defeza da religião e das immunidades do bispado; orador fluente na tribuna sagrada, convencendo pela razão, firmando-se nos textos sagrados que elle conhecia larga e proficiente mente; vice-reitor do Seminario que dirigio e administrou com acerto e alta competencia.

Character bondoso e ao mesmo tempo recto e justiceiro, abrigava em seu coração o culto da amisade leal e decedida, como o confessam quantos lhe poderam chamar amigo e são muitos.

A alta influencia politica que alcançou, por sua posição e merecimentos, nunca a aproveitou para beneficio proprio, antes sempre recusou honrarias e dignidades com que o governo por vezes o queria distinguir, e so muito contrafeito accetou o titulo de conselheiro, por comprazer a seus amigos.

A morte do sr. conselheiro Antonio José da Silva foi muito sentida em Coimbra, e muitos amigos o acompanharam até á beira da sepultura, onde fizeram o elogio do extincto.

Ali discursaram os srs. dr. Frederico Laranjo, dr. Fortunato d'Almeida, dr. Teixeira d'Abreu, dr. Manuel Moreira Feio, padre Eduardo da Costa Leitão, e por fim o sr. conselheiro João Franco, de quem o fallecido era amigo intimo e correligionario leal.

O fallecido era irmão do sr. conselheiro dr. Augusto José da Silva, director da Alfandega de Lisboa, a quem enviamos nossos pesames.

